

ANÁLITICA DO PODER EM TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES: em busca por novas estruturas de poder no cenário pandêmico brasileiro

Marcos Vinicius Romão da Silva Xavier
PPGAd-UFF/marcosromao@id.uff.br

Letícia Veríssimo da Silva Rocha
PPGAd-UFF/leticiaverissimo@id.uff.br

RESUMO ESTRUTURADO

Introdução/Problematização: Os estudos intervenientes de Foucault sobre as estruturas de poder, exercem hoje forte influência em muitas áreas das ciências sociais, principalmente no campo dos estudos organizacionais, compondo uma abordagem importante na construção de um caminho crítico, frente ao pensamento hegemônico em Teoria das Organizações. Mediante a essa constatação, busca-se na hermenêutica foucaultiana vislumbrar uma possível reconfiguração das organizações brasileiras, com vistas à permutabilidade de poder para novos mecanismos de controle, advindos pela aplicação do trabalho remoto no Brasil.

Objetivo/proposta: O artigo busca apresentar uma perspectiva das estruturas de poder que surgiram no cenário pandêmico brasileiro. Tem-se como princípio norteador a Analítica do Poder de Michel Foucault no campo dos estudos organizacionais. Ao trazer o panoptismo benthamiano e a genealogia nietzschiana, foi possível apresentar duas das bases fundantes do pensamento foucaultiano, o que permitirá vislumbrar dentro de uma vigilância líquida, a ideia de segregação e vigilância que se apresenta nas novas relações de poder, advindas pelo emprego do trabalho remoto no ambiente doméstico brasileiro.

Procedimentos Metodológicos (caso aplicável): Busca-se na pesquisa bibliográfica, com vistas a apresentar a hermenêutica foucaultiana nos estudos organizacionais. Entende-se que há um vasto conteúdo bibliográfico sobre essa área epistêmica, ainda a ser explorado com aplicação em Teoria das Organizações. A abordagem qualitativa visa entender quais os pontos que permitem a ligação da Analítica do Poder aos estudos organizacionais, além de vislumbrar nas organizações brasileiras novas estruturas de poder que surgiram com o advento da pandemia.

Principais Resultados: O novo poder disciplinador transcende os limites físicos do ambiente organizacional, levando-o para a vida dos indivíduos em seu ambiente de descanso, reforçando a ideia de “controle sobre os corpos” descrito pelo próprio filósofo francês. Ademais, embora a precarização das condições de trabalho seja uma velha problemática do ambiente doméstico brasileiro, foi possível vislumbrar a segregação e vigilância que se apresentam nas novas relações de poder, advindas pelo emprego do trabalho remoto e que reconfiguraram o cenário brasileiro.

Considerações Finais/Conclusão: A situação pandêmica fez com que as organizações brasileiras fossem influenciadas a migrar para as formas de trabalho remoto, com o intuito de manterem seus negócios em alta. Se por um lado a mudança forçada trouxe dinamismo para o “mercado pandêmico” brasileiro, de outro ela acarretou na remoção da fronteira que existia

entre o organizacional e o social, criando novas estruturas de poder que levam o ambiente organizacional para dentro do ambiente familiar dos trabalhadores, reforçando a ideia de “controle dos corpos” em uma constante vigilância.

Contribuições do Trabalho: O artigo reforça as ligações da hermenêutica foucaultiana como contribuição para o estudo organizacional contemporâneo, com vistas a reconhecer um caminho crítico, capaz de revelar estruturas de poder que surgem na pós-modernidade e que continuam a evoluir com o advento das novas tecnologias, aplicadas ao trabalho remoto. Também incita a necessidade de outros estudos que busquem aprofundar a temática aqui proposta, com o intuito de criar novas interpretações que contribuam para que os conceitos empregados pelo filósofo francês, possam colaborar para o campo dos estudos organizacionais.

Palavras-Chave: Analítica do Poder; Genealogia Nietzscheana; Pandemia; Panóptico Benthamiano; Trabalho Remoto.

ANÁLÍTICA DO PODER NA TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES: em busca por novas estruturas de poder no cenário pandêmico brasileiro

Marcos Vinicius Romão da Silva Xavier
PPGAd-UFF/marcosromao@id.uff.br

Letícia Veríssimo da Silva Rocha
PPGAd-UFF/leticiaverissimo@id.uff.br

Resumo

O artigo busca apresentar uma perspectiva das novas estruturas de poder que surgiram no cenário pandêmico brasileiro. Por meio de pesquisa bibliográfica, tem-se como princípio norteador a Análítica do Poder de Michel Foucault no campo dos estudos organizacionais. As novas abordagens epistemológicas que constituem as relações de poder entre o sujeito e suas subjetividades, permitem trazer respostas aos novos rearranjos organizacionais que surgiram no pós-Guerra Fria. Ao trazer o panoptismo benthamiano e a genealogia nietzschiana, foi possível apresentar duas das bases fundantes do pensamento de Foucault, o que permitiu vislumbrar dentro de uma vigilância líquida, a ideia de segregação e vigilância como parte constituinte de toda organização. Como desfecho, apresentam-se novas relações de poder instituídas pelo trabalho remoto, que reconfiguraram o ambiente mercadológico brasileiro. O resultado encontrado se traduz em uma perpetuação de novas estruturas de poder dentro das organizações brasileiras, que perpassam gerações no espaço e no tempo.

Palavras-Chave: Análítica do Poder, Genealogia Nietzschiana, Pós-pandemia, Panóptico Benthamiano; Trabalho Remoto.

Abstract

The article seeks to present a perspective of the new power structures that have emerged in the Brazilian pandemic scenario. Through bibliographic research, Michel Foucault's Power Analytics in the field of organizational studies is the object of study. The new epistemological approaches that constitute the power relations between the subject and his subjectivities allow us to seek answers in the new organizational rearrangements that emerged in the post-Cold War period. By bringing the Benthamian panopticism and the Nietzschean genealogy, it was possible to present two of the founding bases of Foucault's thought, which allowed us to glimpse, within a liquid surveillance, the idea of segregation and surveillance as a constituent part of every organization. As an outcome, new power relations are presented that reconfigure the Brazilian domestic environment. The result found translates into a perpetuation of new power structures within Brazilian organizations, which span generations in space and time.

Keywords: Power Analytics, Nietzschean Genealogy, Liquid Surveillance, Post-pandemic, Benthamian Panoptism.

Introdução

Os estudos intervenientes de Michel Foucault sobre as estruturas de poder dentro das organizações, exercem hoje forte influência em muitas áreas das ciências sociais aplicadas, principalmente no campo dos estudos organizacionais, passando a compor uma abordagem importante para a construção de um caminho crítico, frente ao pensamento hegemônico em Teoria das Organizações.

Tentando realizar a conexão da Analítica do Poder com os estudos organizacionais, o professor Gibson Burrell, da Universidade de Manchester, após dedicar a leitura da obra *Vigiar e Punir* (1987) de Michel Foucault, passou a enxergar uma nova perspectiva epistêmica, correlacionando a abordagem do filósofo francês para as organizações, conforme transcritos em Motta e Alcadipani (2004).

Essa nova proposição levou Burrell (2007) a publicar artigos como o *Modernism, Postmodernism and Organizational Analysis 2: The Contribution of Michel Foucault* (1988), influenciando outros pesquisadores a submeterem textos para apreciação, em 1984, na conceituada *Administrative Science Quarterly*, movimento este rejeitado pelos avaliadores do jornal acadêmico, ao desconhecer o filósofo francês como uma importante contribuição no campo dos estudos organizacionais (MOTTA; ALCADIPANI, 2004, p. 118).

Entretanto, ao longo dos anos as ideias foram florescendo, sendo cada vez mais expostas por teóricos de administração e bem mais aceitas pelos principais periódicos da área, o que fez Motta e Alcadipani (2004) redigirem o artigo “O pensamento de Michel Foucault na teoria das organizações”. Tal artigo trouxe uma análise de conteúdo das produções acadêmicas no período de 1975 a 2002, a respeito da associação de estudos organizacionais em Foucault.

O pensamento de Michel Foucault fora consubstanciado em três ênfases metodológicas, a saber: a arqueologia, a genealogia nietzschiana e a ética. Seus estudos foram influenciados por diversos pensadores, dentre os quais se destacam Platão, Hegel, Kant, Marx, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Freud, Bachelard e Lacan. Conviveu com importantes pessoas da intelectualidade de sua época como Jean-Paul Sartre, Jean Genet, Canguilhem, Gilles Deleuze, Merlau-Ponty, Henri Ey, Lacan e Binswanger, entre outros.

Ao tentar propor novas estruturas de poder ligadas à Analítica do Poder de Michel Foucault, viu-se a necessidade de trazer uma síntese da narrativa histórica, que ensejou a mudança de direção dos estudos organizacionais referenciados pela administração científica de Taylor (1990) e Ford (1954).

Entender a trajetória do movimento funcionalista de base positivista, predominante na Teoria das Organizações, permitirá vislumbrar a mudança do ambiente internacional, com vistas a legitimar o surgimento das abordagens construtivistas, como meio de permitir entender os novos fenômenos que floresceram com o fim da Guerra-fria.

Essa nova realidade imposta pelas mudanças estruturais do *mainstream* internacional, fez com que Motta e Alcadipani (2004) enxergassem às análises subjetivas como um importante mecanismo, para que os estudos de Foucault se tornassem notáveis, no que diz respeito à narrativa das estruturas de poder dentro das organizações, diferente daquela despojada pela métrica da administração científica.

Com o propósito de buscar as bases fundantes que levam à hermenêutica foucaultiana, e tentando sintetizar o estudo aqui proposto, limita-se a apresentar duas características de seu pensamento, com foco em entender as raízes que ligam a Analítica do Poder à teoria organizacional. Partindo desse pressuposto, como primeira incursão, atenta-se em trazer nos estudos de Bentham (2008) o Panoptismo como princípio norteador das ideias desenvolvidas

por Foucault (1998), o qual permitirá entender as questões de poder desenvolvidas pelo filósofo francês que reverberam sobre todo tipo de organização. Em outra perspectiva, apresenta-se na genealogia nietzschiana o surgimento da Analítica do Poder, que permite ao filósofo francês a ascender aos mecanismos de poder, caracterizados pelo suplício e o biopoder.

Mediante a essa constatação, torna-se necessário fazer um empréstimo da visão pós-panóptica de Bauman (2013) como uma possível permutabilidade de poder por novos mecanismos de controle, onde uma “vigilância líquida” institui novos padrões de dominação. Opta-se aqui por trazer uma ótica que remetesse a novas estruturas de poder dentro das organizações brasileiras, que surgiram durante o período pandêmico.

Como contribuição, reforçam-se as ligações que o pensamento foucaultiano traz como contribuição para o estudo organizacional contemporâneo, com vistas a reconhecer um caminho crítico, capaz de revelar estruturas de poder que surgem na pós-modernidade e que continuam a evoluir com o advento das novas tecnologias. Ademais, ao trazer o panoptismo benthamiano e a genealogia nietzschiana, foi possível apresentar duas das bases fundantes do pensamento foucaultiano, o que permitiu vislumbrar dentro de uma vigilância líquida, a ideia de segregação e vigilância que se apresenta nas novas relações de poder, advindas pelo emprego do trabalho remoto e que reconfiguraram o ambiente doméstico brasileiro.

Devido à complexidade dos estudos de Foucault, entende-se que não há como exaurir o pensamento do filósofo francês em um único trabalho, o que denota a necessidade do leitor buscar aprofundar os estudos, com o intuito de criar sua própria narrativa sobre os conceitos empregados pelo autor, contribuindo para a expansão de novas ideias que possam desenvolver suas acepções metodológicas no campo dos estudos organizacionais.

1. Mudança no Cenário dos Estudos Organizacionais

A ideia destilada pela corrente funcionalista, a qual carrega os princípios da Administração Científica desenvolvidos por Taylor (1990) e leva Ford (1954) a interpretar os princípios da prosperidade como intrínsecos à produção padronizada em larga escala, fez com que o mundo enxergasse uma corrente única de pensamento a ser seguido pelos estudos organizacionais.

Com o fim da Guerra Fria, o mundo passou a ser visto não mais por uma bipolaridade sistêmica, mas por um domínio hegemônico centrado na agenda de segurança de Washington (BUZAN; WAEVER, 2003, p. 55). Essa nova configuração, consolidou o padrão liberal-funcionalista como o modelo mais influente dentro dos estudos organizacionais, fazendo com que a racionalidade econômica da teoria clássica se tornasse um padrão a ser seguido pelos demais Estados-nação. Porém, essa mesma configuração permitiu que novas abordagens pudessem ser consideradas, para tentar compreender o novo cenário que se formou no âmbito organizacional.

A busca por respostas para essa nova situação, a qual a base positivista não conseguia dar conta, abriu espaço para que novas acepções metodológicas fossem consideradas, trazendo um princípio que buscasse evidenciar não uma Teoria Geral da Administração (TGA), mas abordagens que se perpetuam em realidades distintas daquela que serviu como modelo padrão no campo dos estudos organizacionais. É dentro desse contexto, que Motta e Alcadipani (2004) observam os desdobramentos marxistas, apresentados pela *Labour Process Theory* (LPT), como tentativa de encontrar respostas para as novas problemáticas que surgiram nos estudos organizacionais.

A proposta apresentada pela LPT não foi o bastante para romper com os paradigmas positivistas, que constituem a análise do ponto de vista estritamente econômico. Assim, criou-se as condições perfeitas para o surgimento de outros caminhos teóricos que não considerassem o isolamento epistêmico. Constatou-se a possibilidade de comunicação epistêmica entre pontos de vistas excludentes, tornando-os congruentes em uma única perspectiva (MOTTA; ALCADIPANI, 2004. p. 118-119). Isso quer dizer em Burrell e Morgan (1979) que áreas epistêmicas distintas pudessem conversar entre si. É dentro dessa relação que surge a *Manchester School of Foucauldian Labour Process Theory*, a qual Motta e Alcadipani (2004) entenderam ser uma corrente da *Critical Management Studies* (CMS). Esta corrente tem como propósito considerar as relações de poder que constituem o sujeito e suas subjetividades, confrontando a administração gerencialista voltada para a cientificidade da máxima produção.

É a partir desse novo olhar sobre os estudos organizacionais, que Michel Foucault passa a ser considerado um importante expoente nas tratativas das estruturas de poder dentro das organizações.

2. Bases Fundantes da Analítica do Poder

Traçando uma linha tênue que represente uma aproximação da Analítica do Poder aos estudos organizacionais, pode-se apresentar diferentes caminhos, os quais levam a uma importante contribuição, onde diferentes pontos de vista, permitem angariar uma pluralidade de ideias em que o pensamento foucaultiano pode ser aplicado nos estudos organizacionais.

Embora a hermenêutica de Foucault (1997) tenha sido construída por meio da visão de outros autores, a exemplo de Sigmund Freud e Karl Marx, atenta-se aqui a seus estudos envoltos no panoptismo benthamiano e na genealogia nietzschiana. Não que os outros pensadores sejam diminutos na construção da Analítica do Poder, mas por estes permitirem aqui, criar condições de ligação da ênfase metodológica do filósofo francês ao campo da Teoria das Organizações.

2.1 O Panoptismo Benthamiano como Estrutura Disciplinar nas Organizações

Não há como negar que o Panóptico desenvolvido pelo utilitarista Bentham (2008), tenha influenciado o pensamento de Foucault (1998) a construir o caminho para o desenvolvimento da Analítica de Poder.

O Panóptico ou Casa de Detenção idealizado por Bentham (2008) buscava manter os prisioneiros sob uma vigilância constante. Também chamado de “o olho que tudo vê”, a prisão perfeita de Bentham (2008) parte da premissa de se instituir um plano para uma casa de inspeção penitenciária, que permitisse o controle total das ações dos indivíduos que dela faziam parte.

Moldada para que os prisioneiros possam ficar isolados uns dos outros, impossibilitando o contato físico e visual, o Panóptico de Bentham (2008) permite que o inspetor possa vigiar os detentos sem que estes saibam que estão sendo observados, privando-os de suas privacidades. Retrata-se na visão de Foucault (1998) os sistemas prisionais da antiguidade, ligados às masmorras e calabouços que, na visão do autor, caracterizam-se como defasados, já que estes não permitiam o controle total dos movimentos dos indivíduos, protegendo-os em meio a escuridão. O panoptismo vai contra a esse método, criando um sistema onde a luz consegue chegar em todos os cantos da “cela”, não permitindo existir qualquer ponto obscuro no interior desta (FOUCAULT, 1998, p. 210).

Apesar de Bentham (2008) não ser considerado um importante autor dentro das estruturas de poder, Foucault (1998) o resgata, enaltecendo seus estudos como de fundamental importância para os seus estudos na arquitetura hospitalar do século XVIII. Isso porque a estrutura panóptica permite que Foucault (1998) compreendesse que a ideia de segregação e vigilância não era uma particularidade de uma única organização, mas um aforismo que reverbera em todas as outras estruturas de poder.

Tanto a possibilidade da ideia de segregação e vigilância ser aplicada a qualquer organização, quanto o exercício do poder disciplinador na vida dos indivíduos que constituem esses sistemas, vinculam-se às questões de poder estudadas por Foucault (1997) dentro de organizações como hospitais, prisões e escolas, o que reforça a importante contribuição do sistema prisional perfeito de Bentham (2008), para que Foucault (1998) concluísse seus estudos sobre o poder disciplinador na vida das pessoas.

Sem dúvidas, a maleabilidade da estrutura panóptica benthamiana como aplicável a qualquer ambiente organizacional, permite que Foucault (1987) avance em seus estudos sobre poder, criando uma aproximação dos conceitos foucaultianos para explicar muitos dos novos acontecimentos que surgem dentro do campo dos estudos organizacionais.

2. Genealogia Nietzscheana e a Propositura dos “Corpos Dóceis” nos Estudos Organizacionais

Nietzsche (1985) ao enxergar a razão como indução “desrazoável” de um processo evolutivo que não significa uma elevação, melhora ou fortalecimento da humanidade como um todo (NIETZSCHE, 1985, p. 11), aflora em Foucault (1997) a busca pela verdade, em meio ao método científico que se traduz numa paixão dos cientistas pela luta pessoal, onde a liberdade é uma “invenção das classes dominantes” (FOUCAULT, 1997, p. 18).

Por descartar as verdades absolutas impregnadas em certos domínios do saber, Foucault (1997) busca na análise dos discursos o real teor das relações entre a teoria e as práticas sociais que emergem dessas. Aqui Foucault (1997) busca construir um pensamento longe dos julgamentos pré-estabelecidos pelos próprios saberes constituídos na epistemologia positivista.

Para Ribeiro (1987) a apropriação da genealogia nietzscheana por Foucault, tem como prioridade uma estratégia desconstrutiva, a qual Oropallo (2005) consubstancia o pensamento foucaultiano como não fiel ao pensamento do filósofo alemão, conforme suas próprias palavras:

O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Nietzsche, é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar [...] Que os comentadores digam se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse. (FOUCAULT, 1987, p. 143)

Isso porque para Nietzsche (2005), de acordo com Oropallo (2005), a postura do “ser fiel” levaria a uma solidificação de ideias que impedem a transformação, o que torna este caminho incompatível com o agir nietzscheano. É essa solidificação do pensamento que Foucault (1987) evita ao usar a genealogia nietzscheana, o que permite fazer com que Motta e Alcadipani (2004) enxerguem o termo Analítica do Poder como uma ramificação da genealogia nietzscheana, com o intuito de agrupar os estudos levantados pelo filósofo, já que a ideia de teoria, de acordo com esses autores, não é adequada para exemplificar o pensamento foucaultiano. Isso porque ao estudar as estruturas de poder, Foucault (1988) percebe que estas

estão em constante transformação, o que não permite que um único conceito se cristalice como verdade absoluta.

Foucault (1997) consegue utilizar o pensamento genealógico nietzschiano não de forma estática, mas como uma ponte para construir novos conceitos epistêmicos, que o leva a buscar a luta pelo corpo dentro de um campo atuante de poderes (RIBEIRO, 2018, p. 126). Logo, Foucault (1987) foca na busca por estruturas de poder que tornam os “corpos dóceis”, em apologia aos “homens de espíritos livres” em Nietzsche (2005), dos quais o próprio filósofo alemão se encarrega de dizer que tais espíritos livres não existem.

Os “espíritos livres”, fruto do imaginário de Nietzsche, permitiu Foucault (1987) transcender aos estudos sobre o poder não como um elemento estrutural, mas como um mecanismo que advém das relações dos próprios indivíduos ao se relacionarem uns com os outros. É desta relação que Ribeiro (2018) entende que a abordagem de Foucault (1987) se traduz na genealogia dos corpos históricos relacionados à prisão.

O pensamento de Nietzsche (2005) caracteriza a construção de um caminho epistêmico legítimo em Foucault (1987), onde os “corpos dóceis” estão sujeitos a todo e qualquer tipo de dominação, sejam por meio de outros indivíduos ou mesmo pelos Aparelhos Repressivos e Ideológicos de Estado¹ (ALTHUSSER, 1980, p. 42-44).

A genealogia nietzschiana serviu de ponte para que Foucault desenvolvesse os estudos direcionados à Analítica de Poder, levando-o a interpretar os suplícios e o biopoder como mecanismos de dominação em sua análise. A busca pela verdade somente pela imersão do proponente no objeto de estudo, faz com que Motta e Alcadipani (2004) vislumbrassem em Foucault o deslocamento de seus estudos para a temática do poder, tendo como resultado o nascimento da Analítica do Poder que busca, por meio da verdade, remover um pano de fundo que se traveste sob a alcunha de modernidade.

3. Novas Estruturas de Poder no Ambiente Doméstico Brasileiro

Embora a Analítica do Poder apresente uma narrativa que busca se distanciar do termo poder como sendo “um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado” (FOUCAULT, 1988, p. 88), sua aplicabilidade acabou por se correlacionar com os estudos organizacionais, para explicar mecanismos de controle dos indivíduos que delas fazem parte.

Da mesma forma que Foucault (1987) percebeu uma evolução das estruturas de poder, a exemplo da evolução dos suplícios como ritos punitivos ligados ao período monárquico para o biopoder, o qual se ramifica em poder disciplinador e biopolítica, viu-se que essas estruturas de poder perpassam gerações, transformando o poder disciplinador e a biopolítica em mecanismos mais eficazes na dominação dos corpos, tornando-os dóceis aos propósitos organizacionais. É seguindo essa parábola no pensamento de Foucault (1987), que foi possível enxergar novas estruturas de poder no ambiente doméstico dos Estados-nação.

Na tentativa de buscar mecanismos de dominação no ambiente doméstico brasileiro, percebeu-se que o mundo passou nos últimos dois anos por rápidas transformações sociopolíticas e econômicas com o advento do COVID-19.

¹ Segundo Althusser (1980) os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) Representam realidades que se apresentam ao observador sob a forma de instituições distintas e especializadas em prol de uma ideologia, a exemplo da religião, família e escola. Já o Aparelho Repressivo de Estado tem como base de seu funcionamento a violência compreendida na administração de um governo, no Exército, nas Prisões ou Tribunais.

No cenário brasileiro, após o caso ser detectado em fevereiro de 2020, foram implantadas medidas rígidas de distanciamento social na vida das pessoas. Além de gerar muitas dúvidas de como identificar os sintomas, bem como cuidar melhor da higiene e do uso de máscaras eficazes, percebeu-se a modificação na dinâmica do emprego no cotidiano de milhares de trabalhadores, tanto formais quanto informais. Essa modificação se caracteriza pelo fechamento de diversos serviços prestados à sociedade brasileira, desde o comércio e ambientes públicos como parques e praias, até empresas e escolas, todos esses procedimentos visando às medidas estabelecidas pelo governo brasileiro, para que os cidadãos ficassem em casa.

Seguindo esse cenário, o Brasil tem atravessado por crises ao longo dos anos, e o número de desempregados se agravou muito neste período de crise internacional sanitária, que deverá levar alguns anos a mais, mesmo com um cenário de crescimento econômico. Essa constatação é do estudo de pesquisadores do FGV IBRE² (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas), que afirma que tem implicações importantes para as eleições de 2022 e para a política econômica a ser conduzida até lá, assim como para o próximo governo a partir de 2023.

A crise produzida pela pandemia agravou o desemprego e a precarização do trabalho em curso no país, nas últimas décadas (MARTINS; LIPP; MONTEIRO JUNIOR, 2020; MELO; CABRAL, 2020), o que exigirá do governo que assumir políticas públicas que conduza uma governamentalidade condizente com as necessidades da sociedade brasileira.

Considerado um ambiente imerso em organizações tradicionais, onde se destacam “a burocracia, o autoritarismo centralizado, o paternalismo, a descontinuidade e a ingerência política” (SCHERER, 2016, p. 1) com forte apego pelos trabalhadores “às regras e rotinas, a supervalorização da hierarquia, o paternalismo nas relações e o apego ao poder” (SCHERER, 2016, p. 1), a estrutura organizacional brasileira voltada para o tradicional passou a enxergar um novo ambiente, onde o espaço virtual começou a ganhar notoriedade, com a criação de novos postos de trabalho, que atendessem as especificidades do período pandêmico.

O *home-office* e o teletrabalho, assim como a intensificação da virtualização do comércio e serviços, surgiram como oportunidades para manter a economia brasileira em movimento durante o isolamento social, o que permitiu Rafalski e Andrade (2015) enxergarem uma oportunidade de empresas brasileiras e profissionais autônomos a manterem seus negócios, com redução de custos operacionais, reestruturação organizacional e aumento da produtividade. A mudança forçada trouxe um dinamismo para o “mercado pandêmico”, pois o tempo despendido para o deslocamento aos estabelecimentos comerciais deixou de existir, já que a maioria dos serviços foram convertidos ao e-commerce para atender as especificidades desse novo mercado. Páginas de internet e/ou aplicativos dominaram o cenário, proporcionando comodidade e praticidade aos cidadãos brasileiros.

Como pode ser visto, essa nova situação no mercado brasileiro trouxe benefícios notáveis à relação empresa-cliente. Porém, ao observar a relação empresa-colaborador, mesmo diante de algumas vantagens apresentadas por Tokarski (2020) como a vida profissional no mesmo modo de vida familiar, facilidades de horários sem o deslocamento no trânsito e a projeção de futuro na continuidade do método de trabalho, percebeu-se uma adaptabilidade das estruturas de poder de Foucault (1987) nas relações de trabalho.

As tecnologias promoveram a evolução do panoptismo benthamiano, levando ao que Bauman (2014) identificou como “vigilância líquida”. Essa vigilância permitiu às organizações brasileiras criar novas estruturas de poder onde não é possível escapar dos mecanismos de controle, nem mesmo em nossos lares. Vislumbrou-se no pós-panóptico de Bauman (2014) uma

² Veloso et al (2021).

continuação do panóptico benthamiano na pós-modernidade, o que permitiu que os estudos das estruturas de poder de Foucault (1999), formassem um novo layout de dominação nas organizações.

Ao analisar o contexto atual, a correlação dos impactos no método de trabalho ao longo de dois anos, instituída em uma transição rápida e inesperada pelo trabalho remoto, fez com que legislações começassem a serem viabilizadas no Brasil, a exemplo do sancionamento da Lei 14.020, de 06 de julho de 2020, e do Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, os quais consolidaram mecanismos no enfrentamento do estado de calamidade pública instituída pela pandemia, já que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) não versam sobre esse tipo de atividade laboral.

Apesar das legislações entrarem em vigor, as mesmas ainda deixam muitas lacunas à nova realidade de virtualização do trabalho no Brasil, o que já vem, na visão de Rafalski e Andrade (2015), potencializando contradições impostas desproporcionais aos trabalhadores e, sobretudo, dos direitos trabalhistas e das relações sociais, inclusive emocionais.

O desenvolvimento de softwares de controle remoto por produção, sofisticaram os mecanismos de segregação e vigilância apresentados por Foucault (1999), ocasionando em problemas socioambientais nos trabalhadores, pelo simples fato de estarem sem o contato das relações pessoais promovidas pelo ambiente presencial, o que acarretou em outros prejuízos como a falta de delimitação e definição do trabalho *home-office* (RAFALSKI; ANDRADE, 2015, p. 437-438). A nova forma de trabalho permite constante vigilância dos afazeres dos trabalhadores enquanto dentro de suas moradias, obrigando-os a produzirem além do estabelecido pela legislação vigente, sob a alegação de estarem no conforto de seus lares.

O novo poder disciplinador transcende os limites físicos do ambiente organizacional, levando-o para a vida dos indivíduos em seu ambiente de descanso, mantém vivo o biopoder de Foucault (1999) dentro dos estudos organizacionais, reforçando a ideia de “controle sobre os corpos” descrito pelo próprio filósofo. A “dificuldade em estabelecer limites entre o ambiente pessoal e profissional, entre a casa e o escritório” (RAFALSKI; ANDRADE, 2015, p. 436) trouxe à tona novos problemas no ambiente brasileiro. No primeiro momento o *home-office* foi positivo por manter os empregos e os serviços funcionando. Entretanto, muitos trabalhadores que viram com bons olhos o trabalho alocado em suas residências, demonstraram que a demanda de trabalho se misturou com os afazeres domésticos, incitando uma sobrecarga maior.

Pesquisa realizada em abril de 2020 pelo LinkedIn, indicou que 62% dos entrevistados estão mais estressados com o trabalho do que antes. Estes afirmam que têm trabalhado mais horas (68% têm trabalhado pelo menos uma hora a mais por dia, sendo que 21% chegam a trabalhar até quatro horas a mais). Além disso, 20% apontam dificuldades para conciliar as demandas do trabalho com o cuidado dos filhos. Mas, apesar dessas dificuldades, 59% dos entrevistados afirmam que, com a quarentena, têm tido mais tempo de qualidade com a família (TOBIAS, 2020).

Ao separar as desvantagens em Tokarski (2020), destacam-se como mais relevantes a sobrecarga de trabalho, as dificuldades pela falta de socialização com colegas de trabalho e a vida profissional que acaba por se misturar com a vida familiar, com destaque para as mulheres que sentiram um pouco maior sobrecarga no trabalho, pois historicamente no Brasil o cuidado da casa e dos filhos sempre foram de sua responsabilidade (MELO; THOMÉ, 2018). Mesmo assim, a entrada das mulheres no mercado de trabalho aumenta a cada dia.

Com a possibilidade do trabalho híbrido ser mais utilizado no futuro, onde a contratação de trabalhadores advindos de outros estados sem que os mesmos fossem deslocados entre as

unidades federativas brasileiras, profissionais do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP, 2021) alertam sobre a questão de que a pandemia não afeta apenas a saúde física, mas também a saúde mental do trabalhador. Pois, tal adaptação da mudança de estilo de trabalho requer autodisciplina, organização, autonomia e prazer em trabalhar sozinho (HAUBRICH; FROEJICH, 2020).

É o que revela De Oliveira (2021) em matéria publicada pelo Jornal da USP, o qual alerta para as possibilidades de adoecer, inclusive pela síndrome de Burnout. Assim como o trabalho presencial, no método de trabalho remoto também há um alto nível de exigência dos gestores, com cobranças fora do horário de trabalho, sejam nas mensagens em dispositivos móveis, e-mails, ligações telefônicas, reuniões online, sobrepondo as tarefas domésticas às metas organizacionais.

Essa nova configuração do trabalho remoto, traz uma forte relação do Panóptico de Bentham (2008) como sendo a busca pela “ferramenta gerencial definitiva”, onde uma disciplinaridade de vigilância cerrada, transforma-se em um assombroso processo de “normatização”, pois se antes o sentido de segregar e vigiar estava ligado à prisão e aos detentos, hoje as ações de vigiar e punir vistas em Foucault (1999) podem ser facilmente permutadas ao meio de trabalho (tecnologia), aos trabalhadores (presos) e as organizações (disciplinadores).

Tratar com “normalidade” esses novos mecanismos de poder, trazem ao trabalho remoto tudo que há de ruim. É o que revela Maria da Conceição Uvaldo, do Serviço de Orientação Profissional (SOP) do IPUSP e pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Trabalho e Orientação Profissional (Labor) da USP, ao explicar que a síndrome de *Burnout* causa a sensação de que toda a energia que se tinha foi sugada para o trabalho:

O mundo do trabalho hoje é muito assim. Te suga, te provoca o tempo todo a dar mais e mais. Isso acontece não só em empresas tradicionais, mas em empresas ditas modernas, com horários flexíveis, e que acabam tendo exigências até maiores do que as mais tradicionais. (JORNAL DA USP, 2021)

Christian Dunker, psicanalista e professor do IPUSP também endossa o ambiente fatigante em que o trabalho remoto pode levar ao trabalhador:

Jornadas fora de nexos, que chegam a ultrapassar dez horas, sem que se determine exatamente quando começa e quando termina o expediente, isso tem sido custoso para os trabalhadores. (IPUSP, 2021)

As novas problemáticas que passam a surgir com o trabalho remoto, criam certa ligação com a perpetuação dos “corpos dóceis” ao longo do tempo. Fato este em que o próprio Foucault questiona no século XVIII sobre a perpetuação do poder que limita os “espíritos livres”:

Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica — movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização

interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. (FOUCAULT, 1999, p. 163-164)

Sem dúvida os estudos de Foucault (1999) sobre as prisões no período monárquico francês, onde as punições generalizadas buscavam reproduzir um ambiente de controle, correção e vigilância, remete ao poder disciplinador com resultados que acabam por contribuir com os estudos organizacionais, trazendo maior entendimento sobre as estruturas de poder, que buscam na dominação o controle do indivíduo e das grandes massas, perpetuando-se através do espaço e tempo.

4. Conclusões

Os impactos e as consequências da pandemia tornar-se-ão elementos de estudos por muito tempo, como um exemplo de interesse acadêmico em entender as novas problemáticas que surgiram com o tempo, seja na saúde física e mental das pessoas ou no modo como as organizações tratarão os métodos flexíveis de trabalho. Ou seja, as análises sobre o efeito da pandemia no mundo e nas organizações, acabaram por se tornar um elixir para análise interpretativistas e construtivistas das abordagens de base humanística.

Ao trazer a Analítica do Poder de Michel Foucault para dentro da Teoria das Organizações, percebeu-se o quanto o modelo instituído pela lógica da Administração Científica, se tornou ineficaz para explicar os acontecimentos que se desdobram no complexo ambiente organizacional, o qual não envolve apenas atividades de cunho gerencialistas, mas também àquelas que derivam das relações socioambientais. Isso fica claro quanto a necessidade de se buscar respostas para as novas problemáticas que surgiram com o advento do fim da Guerra Fria, a qual a base positivista não conseguia explicar. Fato este que abriu espaço para que novas acepções metodológicas fossem consideradas no campo dos estudos organizacionais.

Tentando encontrar um dos entrelaces da Analítica do Poder com os estudos organizacionais, uma vez que seria possível apresentar diferentes pontos de vista, os quais permitem angariar uma pluralidade de ideias, sobre as quais o pensamento foucaultiano pode ser aplicado no contexto organizacional, viu-se a necessidade de trazer o panoptismo benthamiano e a genealogia nietzschiana como duas bases fundamentais para maior compreensão de sua aplicação em Teoria das Organizações.

Em busca de uma prisão perfeita, o conceito de Panóptico desenvolvido pelo jurista Jeremy Bentham, permitiu com que Foucault enxergasse estruturas de poder em toda e qualquer organização o que, por ventura, ligou-se a necessidade de buscar os mecanismos de segregação e vigilância que se perpetuam em toda cultura organizacional. Tanto a possibilidade da ideia de segregação e vigilância ser aplicada a qualquer organização, quanto o exercício do poder disciplinador na vida dos indivíduos que constituem esses sistemas, vinculam-se às questões de poder dentro de organizações como hospitais, prisões e escolas, o que reforça a importante contribuição do sistema prisional perfeito de benthamiano com os estudos sobre o poder disciplinador na vida das pessoas.

Outra base de fundamental importância para entender a aproximação do pensamento foucaultiano com a lógica organizacional, foi a genealogia nietzschiana, a qual permitiu que o filósofo francês construísse um caminho epistêmico legítimo. Este caminho compreende três entendimentos a saber: a primeira se liga a necessidade em Nietzsche enxergar a razão como uma indução “desrazoável” de um processo evolutivo que não significa uma melhora do pensamento humano, a qual leva Foucault a descartar o saber teorizado em verdades absolutas

para produzir uma analítica que promove a imersão em seu próprio objeto de estudo e, assim, entender as verdades que estão por “debaixo dos panos”; a segunda elenca o conceito de “espírito livre” nietzschiano que leva Foucault a transcender à hermenêutica dos “corpos dóceis” que trazem a dominação do indivíduo pelos mecanismos de poder que nascem das relações entre dois ou mais indivíduos; a terceira e última se caracteriza pela postura de Nietzsche em não “ser fiel” ao seu próprio pensamento, fator este que remete a solidificação de um único conceito como verdade, o qual impediria a transformação do homem e seu meio. É por meio desse pensamento que Foucault rejeita a ideia de “teoria” e consolida seus pensamentos como mutáveis, dentro de uma Analítica do Poder.

Sem dúvidas, a maleabilidade da estrutura panóptica benthamiana como aplicável a qualquer objeto de análise, bem como o pensamento destilado pela genealogia nietzschiana, permitiram o avanço dos estudos sobre poder, criando uma aproximação dos conceitos foucaultianos para explicar muitos dos novos acontecimentos que surgem dentro do campo dos estudos organizacionais.

Tentando fazer uma ligação da Analítica do Poder com os novos mecanismos de dominação, viu-se uma situação pandêmica se formar no cenário brasileiro, onde o mercado doméstico perdeu espaço na política de isolamento social causada pelo Coronavírus. No primeiro momento, viu-se com a amplitude de informações noticiadas, a resolução de medidas restritivas serem instituídas no cenário brasileiro, onde a quarentena e o *lockdown* instalados, fizeram com que as pessoas não circulassem nas cidades. As medidas protetivas para que os cidadãos ficassem em casa, fizeram com que o mercado brasileiro buscasse no âmbito de diferentes segmentos de trabalho, ferramentas que pudessem dar continuidade a prestação de seus serviços.

Esse novo rearranjo fez com que as organizações brasileiras, comerciantes formais e informais, fossem influenciados a migrar para as formas de trabalho remoto, com o intuito de manterem seus negócios, com redução de custos operacionais, reestruturação organizacional e aumento da produtividade. Se por um lado a mudança forçada trouxe dinamismo para o “mercado pandêmico” brasileiro, de outro ele acarretou na remoção da fronteira que existia entre o organizacional e o social, criando assim novas estruturas de poder nas organizações.

A tecnologia desenvolvida para o trabalho remoto, sofisticou os mecanismos de segregação e vigilância apresentados por Foucault, permitindo uma constante vigilância dos afazeres dos trabalhadores enquanto dentro de suas moradias, obrigando-os a produzirem além do estabelecido pela legislação vigente, sob a alegação de estarem no conforto de seus lares, ocasionando em novos problemas socioambientais.

O novo poder disciplinador transcende os limites físicos do ambiente organizacional, levando-o para a vida dos indivíduos em seu ambiente de descanso, reforçando a ideia de “controle sobre os corpos” descrito pelo próprio filósofo francês.

O ambiente doméstico brasileiro se tornou um exemplo perfeito da “vigilância líquida” que se impregna nas estruturas de poder do ambiente organizacional, perpassando as fronteiras das organizações e, por conseguinte, acabou por afetar os trabalhadores, colocando-os em uma constante vigilância, agora por meio do teletrabalho e *home-office*. Isso demonstra que a demanda de trabalho e afazeres residenciais se misturam com os objetivos profissionais, sobrecarregando os trabalhadores que fazem parte desse novo “sistema prisional”.

Ao levar para o ambiente doméstico brasileiro a questão do trabalho remoto, o qual gerou uma sobrecarga e conflito na relação trabalho-família, é importante destacar que tal sentimento era anterior à pandemia, podendo este ser indagado, já que casos tais como a fadiga do trânsito, das metas diárias, ou mesmo o desgaste mental e psicológico, já vinha sendo

sentidos e não priorizados pela coerência de manter seus empregos e o sustento. De todo caso, o resultado dessa nova estrutura de dominação pode ser aferido pelo surgimento de novas doenças do trabalho que debilitam o trabalhador ao máximo, criando assim a sensação de que toda a energia que o indivíduo dispunha, seja direcionada para o trabalho.

Reforça-se que o artigo buscou apresentar apenas uma visão que perfaz alguns dos caminhos que levam o pensamento foucaultiano como importante contribuição para os estudos organizacionais, com vistas a revelar novas estruturas de poder que surgem na pós-modernidade e que continuam a evoluir com o advento das novas tecnologias. Também, incita-se aqui a necessidade de outros estudos que busquem aprofundar a temática aqui proposta, com o intuito de criar novas interpretações que contribuam para que os conceitos empregados pelo filósofo francês, possam contribuir para o campo dos estudos organizacionais.

Referências

AMBONI, N.; CAMINHA, D. O.; ANDRADE, R. O. B.; PEREIRA, M. F. Abordagem Multiparadigmática em Estudos Organizacionais: Avanços e Limitações . **Revista de Administração da UFSM**, v. 10, n. 5, p. 808-827, 2017. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/48811/abordagem-multiparadigmatica-em-estudos-organizacionais--avancos-e-limitacoes-/i/pt-br>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Organizador: Tomaz Tadeu; tradutores: Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. -- 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BURRELL, Gibson. **Ciência Normal, Paradigmas, Metáforas, Discursos e Genealogia da Análise**. In: “Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais”. Organizadores: Miguel Caldas, Roberto Fachia, Tânia Fischer. ed. 1. 4ª reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância Líquida: diálogos com David Lyon**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. pp. 9-94.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. Regions and Powers: the structure of International Security. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Social paradigms and organizational analysis**: Elements of the sociology of corporate life. Londres: Heinemann Educational Books, 1979.

CAPPELLE, M. C. A.; BRITO, M. J. Poder Disciplinar e Gestão de Pessoas: um estudo empírico em uma organização de desenvolvimento de software. **Organizações & Sociedade**, v. 10, n. 26, p. 19-37, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10677/7631>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

COSTA, Alessandra de Sá Melo, GOMES, Marcus Vinícius Peinado; PAIVA, Ely Laureano; BREI, Vinícius de Andrade. **Impactos da COVID-19 nas organizações**. RAE-Revista de Administração de Empresas - FGV EAESP, 2020.

DE OLIVEIRA, Kaynã. Cobrança por produtividade na pandemia pode levar à síndrome de burnout. **Jornal da USP**. Publicado em: 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/cobranca-por-produtividade-na-pandemia-pode-levar-a-sindrome-de-burnout/>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

FORD, Henry. **Os Princípios da Prosperidade**. Traduzido por: Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Brand, 1954.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum**. Tradução: José Lima Barreto. São Paulo: Princípio, 1997.

_____. **Segurança, Território, População**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramalhete. 20ª ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

HAUBRICH, D. B.; FROEHLICH, C. Benefícios e Desafios do 'Home office' em Empresas de Tecnologia da Informação. **Gestão & Conexões**, 9 (1), 167-184, 2020. Publicado em: 22 jan. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/ppgadm/article/view/27901>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alana de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da covid e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas | FGV EAESP**, 2020. Submetido em: 21 jul. 2020. Publicado em: 18 nov. 2020. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/60464/mulheres-em-home-office-durante-a-pandemia-da-covid-19-e-as-configuracoes-do-conflito-trabalho-familia/i/pt-br>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP. Home office compromete a saúde mental do trabalhador. **Portal de Divulgação Científica do IPUSP**. Publicado em: 03 mai. 2021. Disponível em: <<https://sites.usp.br/psicousp/home-office-compromete-saude-mental-do-trabalhador/>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MARTINS, S. S.V.; LIPP, D. F.S.; MONTEIRO JUNIOR, R.C. T. Tempos de pandemia:

Possibilidades para os trabalhadores na nova crise que se instala. **Revista Valore**. Volta Redonda, 5 (edição especial). 136-159, 2020. Disponível em: <<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/653>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MELO, H. P. de; THOMÉ, D. **Mulheres e Poder**: histórias, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

MOTTA, F. P.; ALCADIPANI, R. O pensamento de Michel Foucault na teoria das organizações. **RAUSP Management Journal**, v. 39, n. 2, p. 117-128, 2004. Publicado em: 14 abr. 2004. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/16787/o-pensamento-de-michel-foucault-na-teoria-das-organizacoes/i/pt-br>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, Demasiado Humano** - Cia de Bolso. ed. 1. Tradução: Paulo César de Souza. Brasil: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Anticristo**: Ensaio de uma crítica do cristianismo. Tradução: André Díspre Cancian. Brasil: eBooks Brasil, 2002.

OLIVEIRA, D. J. S. Gestão Social: epistemologia para além de paradigmas. **SciELO**. Publicado em: 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/osoc/a/qJPRsN7wx7CD8Pq6jkVbjhd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 07 nov. 2021.

OLIVEIRA, Kainã. Cobrança por Produtividade na Pandemia pode Levar à Síndrome de Burnout. Publicado em: 22 jan. 2021. **Câmara Municipal de São Paulo**. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.leg.br/coronavirus/blog/cobranca-por-produtividade-na-pandemia-pode-levar-a-sindrome-de-burnout/>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

OPALLO, Maria Cristina. A presença de Nietzsche no discurso de Foucault. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo, 2005. **Universidade São Judas Tadeu**. Disponível em: <https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/010.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

PATRICK, Stewart. **When the System Fails: COVID-19 and the Costs of global dysfunction**. In: "Foreign Affairs: The World after the pandemic". vol. 99, n. 4, jul./ago. 2020, p. 40-50.

RAFALSKI, Julia Carolina; DE ANDRADE, Alexsandro Luiz. Home-Office: Aspectos Exploratórios do Trabalho a partir de casa. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC)**. Vol. 23, nº 2, 2015, p. 431-441. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n2/v23n2a13.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

RANGEL, Daniela; LANG, Pamela. Vacina Covid-19 Fiocruz tem eficácia geral de 82%. **Agência Fiocruz de Notícias**. Publicado em: 03 fev. 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/vacina-covid-19-fiocruz-tem-eficacia-geral-de-82>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

RIBEIRO, Carlos Eduardo. Nietzsche, a genealogia, a história: Foucault, a genealogia, os

corpos. **Scielo**. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/cniet/a/FcXxgD47TV8KT6cf4VmX3BJ/?lang=pt>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SCHYMURA, Luiz Guilherme. Desemprego alto é desafio para governo em 2022, e pode persistir até 2026. FGV IBRE, 2021

SCHERER, Katianne. A Cultura Organizacional Brasileira nas Organizações Públicas.

Camargo & Giovaneli. Publicado em: out. 2016. Disponível em:

<<https://camargogiovaneli.adv.br/wp-content/uploads/2016/10/a-cultura-organizacional-brasileira-nas-organizacoes-publicas.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. Trabalho, Educação e Saúde. 2020

TOBIAS, P. B. Brasileiros estão mais estressados no home office. **Linkedin**. Publicado em: 2020. Disponível em: <https://www.linkedin.com/feed/news/brasileiros-est%C3%A3o-mais-estressados-no-home-office-4836924/>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1982.

TOKARSKI, Jéssica. Trabalhar de casa durante a pandemia tem causado sobrecarga nos trabalhadores, revela pesquisa da UFPR. **Universidade Federal do Paraná**. Publicado em: 10 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/trabalhar-de-casa-durante-a-pandemia-tem-causado-sobrecarga-nos-trabalhadores-revela-pesquisa-da-ufpr/>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

VELOSO, Fernando; MATOS, Silvia; FILHO, Fernando de Holanda Barbosa; Peruchetti Paulo. Com queda na margem, produtividade do trabalho se aproxima do nível anterior à pandemia. **FGV IBRE**. Publicado em: 27 dez. 2021. Disponível em: <<https://ibre.fgv.br/observatorio-productividade/artigos/com-queda-na-margem-productividade-do-trabalho-se-aproxima-do>>. Acesso em: 02 mar. 2022.